

## Editorial

Este número 8 da **Antrope**, oferece fundamentalmente as experiências arqueológicas e etnográficas de dois países de língua portuguesa, divididos pelo Atlântico.

Do ponto de vista da Arqueologia Portuguesa surgem-nos contribuições que, diacronicamente, se estendem desde o Neolítico Antigo até ao período de ocupação Árabe.

Já a Arqueologia brasileira, sendo mais complexa, mantêm o ainda a Arqueologia de contacto, enquanto resultado colonial da terra dos seus antepassados.

Este primeiro bloco de contributos inicia-se com o *Menir da Tapada da Morena, um novo monumento megalítico no Concelho da Vidigueira*, monumento megalítico menírico inédito, representando o Sul de Portugal e redescoberto por Cortes e Calado. *A mamoa de Eireira (Afife, Viana de Castelo): um esboço monográfico preliminar*, Silva mantém a tradição de escavação de monumentos megalíticos, mas desta vez, dolménicos nortenhos, que nos aportam novos dados acerca deste monumento. *A integração histórica dos monumentos epigráficos* é um discurso de integridade simbólica diacrónica epigráfica, marcada pela inconfundível marca d'água de d'Encarnação. *Revisão sobre o Património Islâmico em Portugal: monumentos, sítios e conjuntos islâmicos classificados no Algarve* é um alerta de Teixeira e Matias, para com os cidadãos portugueses, no sentido de salvaguardar e preservar o Património Islâmico português. Ainda que o mesmo tenha vindo a ser classificado pela tutela permanece ainda a árdua tarefa da manutenção da preservação dos mesmos.

O segundo bloco define-se pela intensa investigação de Carvalho debruçada sobre a Etno-Arqueologia. É composto por três secções: *Inventário dos 53 fornos de pão comunitários de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro (2014-2017). Os fornos das "Brandas" – parte 1.; Inventário dos 53 fornos de pão comunitários de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro (2014-2017). Os fornos das "inverneiras" – parte 2.; Inventário dos 53 fornos de pão comunitários de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro (2014-2017). Os fornos dos "lugares fixos" e de Lamas de Mouro – parte 3.* esta investigação tem o seu início em Abril de 2014 tendo sido adoptada uma metodologia tendencialmente arqueológica na apresentação de cada forno.

O terceiro bloco traz-nos a contribuição de Rocallo, *La Documentazione del Disastro: il Terremoto in Archeologia. Spunti per una Riflessione*, enquanto reflexão sobre como podem os agentes naturais da Terra afectar os sítios arqueológicos independentemente do tempo.

O quarto bloco sugere-nos uma análise jurídica sobre os diversos tipos de sítios arqueológicos, aquando da Arqueologia de Contacto, que são ainda hoje perceptíveis. Costa apresenta-nos *Terra Preta de índio: análise de um património brasileiro*, que reflecte por um lado, a questão da legislação brasileira em ordem à preservação e protecção do Património Cultural e, por outro, as questões pedológicas existentes na Amazônia, em locais onde está já provada ocupação ancestral. *Memoria e Patrimônio: casas de fazenda da região Seridó, Nordeste do Brasil* é uma apreciação aprofundada patrimonial de Assunção, acerca da Arquitectura vernacular das casas de fazenda do Seridó e o fio condutor que se manteve após a Independência, relativamente ao meio urbano caracterizado pelo ciclo do gado. Mega, Parisoto, Cavazzola e Ferreira apresentam-nos a continuação do seu contributo no número anterior com *A Sexta Extinção em Massa numa Perspectiva Arqueológica: uma reflexão a respeito da agência conjunta de humanos e objetos sobre a biodiversidade*. Mantêm uma análise arqueológica centrada entre o resultado de actividades humanas relativamente à biodiversidade.

Por fim, Teixeira sugere-nos a *Geoarqueologia: uma Ciência Auxiliar ou uma Ciência Independente? Reflexão Teórico-Methodológica*, destacando o grande desenvolvimento de outras disciplinas que proporcionam um eventual destaque da Geoarqueologia enquanto ciência independente, por direito.

Tomar, 14 de Junho de 2018